

**WALTER BENJAMIN E MANOEL DE BARROS,
COLECIONADORES DE DESOBJETOS:
ENTRE O CANTEIRO DE OBRA E O QUINTAL**

Giselly dos Santos Peregrino (PUC/RIO)
gisellyperegrino@globocom

Manoel de Barros, poeta cuiabano (MT) nascido em 1916, é conhecido, principalmente, pelo exercício infantil que, por meio da poesia, agrada tanto seus leitores. Não raro, o poeta incita-nos a ver o que nos cerca com outros olhos; não olhos que nos são completamente estranhos, mas os que, um dia, já tivemos e, talvez, não lembremos mais: os olhos infantis. Somos convocados por Manoel de Barros a avançar para a infância. Walter Benjamin (1892-1940), direta ou indiretamente, é lido, literariamente, pelo poeta. Este apresenta em comum com o pensador alemão, autor de *Infância em Berlim* por volta de 1900, por exemplo, um retorno à infância para não se perder o passado, no qual se podem ouvir os primeiros acordes do futuro. E isso é perceptível na trilogia *Memórias inventadas*, cujos livros foram publicados em 2003, 2006 e 2008.

É a partir do retorno à ótica infantil que podemos ver o mundo sem o cansaço presente, característico da sociedade de informação. O que isso significa? Ver com olhos sensíveis o bastante para enxergar o invisível, que nada mais é do que o demasiadamente visto e, por isso, não observado. É voltar nossa visão ao que é desprezado ou desprezível, ao que é considerado insignificante pela cultura filistéia de hoje, que nos acostumou a procurar utilidade em tudo sem qualquer assombro. É montar um baú de insignificâncias.

É possível fazer uma leitura comparativa entre o pensador alemão e o poeta brasileiro refletindo sobre as contribuições de Benjamin à obra de Manoel de Barros, especificamente no que se refere à brincadeira infantil. Esta é uma recusa ao brincar que é, praticamente, imposto, hoje, pela sociedade, que, de modo geral, valoriza a indústria do brinquedo, cada vez mais produtora de objetos sofisticados para as crianças, que brincam e criam a partir de detritos, como afirma Benjamin, de um canteiro de obra ou, como

poetiza Manoel de Barros, a partir do contato com os seres do chão, encontrados no quintal.

Entre o canteiro de obra e o quintal, ponhamo-nos a escutar a criança brincando com ela, acompanhados de Walter Benjamin e Manoel de Barros! Esse brincar, hesitante, labiríntico, tateante, criador e descobridor do mundo, observador que se dirige ao que está no chão... esse brincar que é o limiar da poesia!